

HM NA PRESIDENTE VARGAS

Alfredo Garcia
Escritor e jornalista paraense.

Perplexidade. Sim senhor: perplexidade. Com os mil e seiscentos demônios e os quatrocentos e tantos santos da velha Bahia: perplexo estava e perplexo fiquei. Pois se não estava bem ali na minha frente, a bem menos de uns vinte passos, naquele vai-e-vem de gente, o mano velho Haroldo Maranhão, o escriba?

Pois é o que lhes digo. E eu que pensava no Maranhão em viagens pelo Velho Mundo, em turnês de trem, que sabe até andando no tal Orient Express? Então! E bem ali o danisco do Haroldo nas minhas barbas malfeitas, muito do pavulagem proseando com um sujeito de fraque e bengala (seria um editor? Não notei os cílios no olhar...). Bengala e fraque, eu falei? Espere, espere um pouco; vá lá que seja uma fatiota que o sujeito usasse, então, vá lá! Mas sei que era um traje quente para uma tarde que devia estar pelas quarenta graus na sombra das mangueiras da Presidente Vargas. E como falavam! Devia ser — o tal sujeitinho a parolar com HM — um desses amigos de longa data; quem sabe um amigo de infância só então reencontrado? Foi sobre tal coisa assuntando que me deixei levar pelos pensamentos e recuerdos e não abordei de imediato o escriba.

Mas o Haroldo Maranhão na Presidente Vargas... E tanto ouvira dizer do Maranhão, digo, do Maranhão: que era um homenzinho cheio de nove-horas, que vivia recolhido, ensimesmado, que cerrava portas pras caras do mundo e perdia-se o dia todo, enfronhado, matutando idéias e escrevendo, escrevendo e matutando. E era muito mais bláblábláblá, isso e aquilo e aquilooutro. E o Maranhão bem pachola passando, digo eu, passeando ali na Presidente Vargas, tomando a fresca sob as mangueiras.

Pois olhe, bem me lembro do Maranhão e suas estripulias: se contar ninguém acredita que o filho-da-mãe cortava e salgava (para conservá-las fresquíssimas, nisso sendo ajudado pelo amigo Dudu) orelhas... de livros! Esse fato, aliás, nunca citado por cronistas hodiernos, gerou tanta polêmica no meio literário da época, que o editor H. Barra (dizem que de birra...) suprimiu as tais "orelhas" de suas publicações. Dizem que foi o Haroldo quem teria comentado numa roda de intelectuais, jocosamente:

- Se o Barra extermina as orelhas, ora, pois, pois, escreveremos nas bundas!

No que teria sido palmeado pela súcia que festejava até enterro de anão, ora veja só.

Esse Maranhão! Destarte sua esquisitice alardeada, sempre me pareceu um bom sujeito, vá lá. Tetranelo Del-rei Maranhão, fuçou umas bolorentas leis, decorou um tanto de latim e acabou togado, ou melhor, dizendo: advogado. Advogado ou não, sempre o achei um cidadão do mundo. De forma que não foi para mim surpresa deparar com a foto do degas, certa vez, no jornal, muito bem instalado entre os braços de uma tal Eija Jarvela, soprano. Sim, senhor, era o Maranhão, o nosso bom Haroldo com aquele mesmo ar sonhador de quem está furando nuvens, ou acompanhando um solitário vôo de galinha com suas parábolas possíveis.

Pois esse era o Haroldo que sempre conheci, senhoras & senhores. O Haroldo vivinho da silva, o Maranhão a lhe pespegar o nome, o Pará a lhe constar no registro de nascimento. O bom Haroldo que certa vez me pregou um susto ao ler em A Província do Pará o título que encimava um texto: A Morte de Haroldo Maranhão. Por São Crispim, pensei eu lá com meus inexistentes botões, o degas do Maranhão teria ido dessa para melhor, assim-assim? Corri a buscar os óculos, assesei-os na face e afoitamente fui ler a tal notícia. Alívio: era apenas um novo livro do Haroldo. O sacripanta gozava a própria morte!

Pois eu fiquei ali pensando essas coisas todas, sem ao menos piscar os olhos para ver as meninas passando com suas traseiras bem torneadas em destaque nas calças jeans mais justas que Salomão e então me decidi: vou ter com esse Maranhão. Pensei assim e fui. Cheguei por trás e bati de leve no ombro esquerdo do Haroldo (na hora veio um branco: o que é que eu vou dizer?). O degas virou-se. Qual Maranhão, qual nada! Nem a propósito de arremedo se daria tal ilusão, meus e minhas. Vá lá: atarracado, os óculos, os ombros encolhidos, o jeito similar, mas nada do Maranhão. O sujeitinho parecia mais um contínuo de repartição pública com seu uniforme de praxe e papelada para entregar. Ri meu riso mais idiota, balbuciei desculpas idem e fui andando a recordar da tecia dos duplos do Maranhão, pois sim, aquele sujeito!

Por via das dúvidas, na esquina seguinte entrei no consultório de um oculista. Da janela do consultório, ao olhar para a rua, tive uma dúvida: Eija Jarvela? Etc e etc.